



## **A teoria da adaptação em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon* e a intertextualidade na composição do personagem Lúcifer<sup>1</sup>**

The Theory of adaptation in the animation movie *Warriors of the Final Holy Battle* and the intertextuality in the composition of character Lucifer

Diogo Berns<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a teoria da adaptação na saga *Os Cavaleiros do Zodíaco*, dando destaque ao quarto filme, *Os Guerreiros do Armagedon*, de 1989, em que o recurso da intertextualidade foi utilizado na composição do personagem Lúcifer. Por meio de teóricos como Hutcheon (2013) e Stam (2010), evidencia-se o papel da imagem, enquadramento, som e demais recursos da animação para a concepção do personagem.

**Palavras-chave:** Cavaleiros do Zodíaco; Guerreiros do Armagedon; Lúcifer; Adaptação; Intertextualidade.

**Abstract:** This article presents the theory of adaptation in the saga *The Knights of the Zodiac*. The fourth animation movie from saga, *Warriors of the Final Holy Battle*, released in 1989, is analyzed by resource of intertextuality that was used in the composition of the Lucifer character. The theories from Hutcheon (2013) and Stam (2010) besides the importance of image, framing, sound and other animation resources for Lucifer character conception are presented in this paper.

**Keywords:** Knights of the Zodiac; Warriors of the Final Holy Battle; Lucifer; Adaptation; Intertextuality.

### **Introdução**

Este artigo apresenta o filme de animação *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon* (聖闘士星矢 最終聖戦の戦士たち), de 1989, o quarto filme da saga de mangás, animes, *games* e derivados sob a perspectiva teórica da adaptação de Hutcheon (2013, p. 22), que afirma que as adaptações podem estar em todos os lugares, como, por exemplo, cinema, televisão, musicais, teatro, quadrinhos, brinquedos, parques temáticos e outros. A pesquisa concede ênfase ao personagem Lúcifer, também chamado de Satanás, o Maligno, o anjo que se opõe a Deus (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2003, n. 2851), que tem sido representado, ao longo dos séculos, como a personificação do mal (TEIXEIRA, 2007, p. 29). O personagem é apresentado por meio da teoria intertexto, que, segundo, Stam (2010, p. 225 – 226), é um termo introduzido, na década de 1960, por Julia Kristeva como uma tradução para “dialogismo”, utilizado por Mikhail Bakhtin nos 1930 que remete à relação, diálogo, combinação e inversão entre qualquer enunciado (um poema, uma canção, um filme) com demais enunciados.

Na produção anímica é recorrente a reformulação de mitos, assim como ocorre em *Os Cavaleiros do Zodíaco*, de Masami Kurumada (MAGI, 2010, p. 181). Nela, é reunida uma combinação de aspectos mitológicos das culturas japonesa, chinesa, nórdica e

<sup>1</sup> "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), Cursa a Especialização em Música Litúrgica pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL - Campus Pio XI). E-mail: diogo.cinestar@hotmail.com

grega ao narrar a história de um grupo de cinco amigos, jovens guerreiros que têm a missão de proteger a deusa Athena e salvar a terra das forças malignas e da escuridão (PEREIRA, 2013, p. 17). Em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon*, no entanto, a produção também se vale do Cristianismo na construção da narrativa, apresentando Lúcifer como o inimigo de Athena e dos cavaleiros, que volta à Terra, a fim de ter o domínio do universo.

### **A Saga Os Cavaleiros do Zodíaco: Contextualização**

Em 1985, no Japão, foi apresentado, em mangá (história em quadrinhos japonesa), *Os Cavaleiros do Zodíaco*, com o título de *Saint Seiya*, de Masami Kurumada, sendo publicada semanalmente na revista *Shōnen Jump*, destinada ao público jovem masculino (PEREIRA, 2013, p. 17). A narrativa apresenta os cavaleiros, que foram divididos nas categorias de bronze, prata e ouro, sendo cada um regido por uma constelação que dá nome à armadura e aos golpes utilizados nas batalhas. Seiya de Pégaso, Shiryu de Dragão, Hyoga de Cisne, Shun de Andrômeda e Ikki de Fênix são os principais cavaleiros de bronze, de faixa etária de 13 a 15 anos, que protegem Saori Kido, reencarnação de Athena, de inimigos que tentam dominar o mundo.

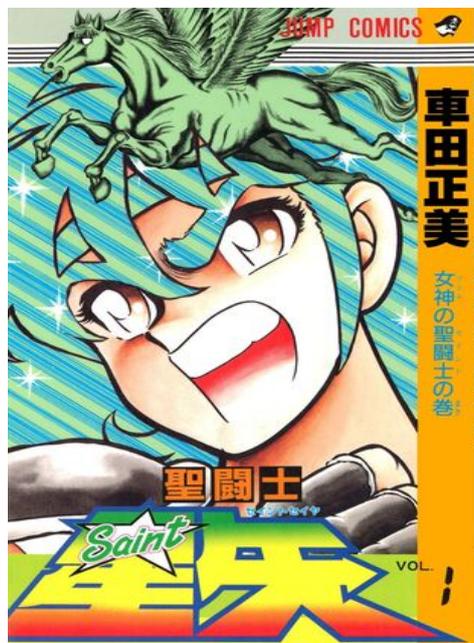


Figura 1 – Capa do Volume 1 do Mangá de *Saint Seiya*, no Japão, de 1986

Fonte: [https://saintseiya.fandom.com/es/wiki/Saint\\_Seiya\\_-\\_Volumen\\_1?file=Couverture01j.jpg](https://saintseiya.fandom.com/es/wiki/Saint_Seiya_-_Volumen_1?file=Couverture01j.jpg)

Com o sucesso das primeiras publicações, realizadas periodicamente, foram criados outros formatos para a ampliação da história inicial, como o anime que influenciou o mangá, fazendo com que outros mangás com novas histórias da saga, filmes animados e vários jogos de *videogames* para plataformas diferentes surgissem (BUENO & RIBEIRO, 2015, p. 9). Pode-se considerar que o anime, produzido pela *Toei Animation*, exibido pela primeira vez em outubro de 1986, é uma adaptação do mangá, possuindo marcas de escritura decisivas proporcionadas pelo roteiro de Takao Koyama e da equipe de direção chefiada por Kozo Morishita (VENANCIO, 2012, p. 7). Uma nova forma de interação com os cavaleiros era dada ao público. Agora a imagem e o som passaram a apresentar a batalha dos fiéis escudeiros de Athena contra os inimigos. Os golpes e lutas foram ilustrados também na tela, acompanhados de movimentos, cor e som.



Figura 2 – Da Esquerda para a Direita: Ikki, Shun, Seiya, Shiryu e Hyoga

Fonte: <https://heroisx.com/2017/05/22/cavaleiros-do-zodiaco-live-action-expectativas/>

A série *Saint Seiya* teve seu nome alterado para *Os Cavaleiros do Zodíaco* quando começou a ser veiculada em países ocidentais (PEREIRA, 2017, p. 47). Com a intensa popularidade no Japão e em alguns países, a saga foi se estendendo e continuou tendo lançamentos de novos filmes, personagens e acréscimos narrativos até a atualidade, o que fez com que *Os Cavaleiros do Zodíaco* conquistassem muitos fãs ao longo dos anos ao redor do mundo (BUENO & RIBEIRO, 2015, p. 12). O exemplo é o filme *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon*, ênfase desta pesquisa. Segundo o site *Cavzodiaco*, após a saga clássica, *Santuário* (ep. 1 – 73; exibida nos anos 1986 a 1988); *Asgard* (ep. 74 – 99, exibida em 1988); *Poseidon* (ep. 100 ao 114 – exibida no final de 1988 ao início de 1989); e dos filmes: *Saint Seiya, o Santo Guerreiro* (聖闘士星矢 邪神エリス), de 1987; *A Grande Batalha dos Deuses* (聖闘士星矢 神々の熱き戦い), de 1988; *A Lenda dos Defensores de Atena* (聖闘士星矢 真紅の少年伝説), também de 1988, em 18 de março de 1989, no Japão (no Brasil apenas em 22 de Setembro de 1995) estreou nos cinemas a animação abordada neste artigo, desta vez, sendo Lúcifer o inimigo de Athena e dos cavaleiros.

No Brasil, entretanto, o anime chegou primeiro que o mangá (BRUSSIO, 2019, p. 305). Devido ao êxito de público que obtivera em outros países como México, Portugal e Estados Unidos, passou a ser exibido no país em 1994 (TRAVANCAS, 2016, p. 3). Foi em 1º de setembro que a extinta Rede Manchete exibiu pela primeira vez *Os Cavaleiros do Zodíaco* (FRANCFORT, 2008, p. 222). O anime foi essencial para a reestruturação da emissora brasileira que apresentava problemas financeiros na época. A atração, que misturava fundamentos de mitologia grega, astronomia, astrologia e tantas outras crenças e culturas às batalhas dos cavaleiros, foi descoberta por Eduardo Miranda, diretor da divisão de cinema (responsável pelos desenhos), que permitiu a recuperação da Rede Manchete em audiência e em retorno comercial (FRANCFORT, 2008, p. 236 - 237).

O anime chegou ao Brasil acompanhado de uma intensa estratégia mercadológica. A adaptação para outros meios foi um recurso para divulgar a saga. Ela pode ser uma forma de expandir uma franquia, produzindo, por exemplo, brinquedos, sendo, pois, uma indústria de entretenimento (HUTCHEON, 2013, p. 126; 128). Dessa forma, apropriando-se da narrativa, a primeira edição da *Revista Herói* teve como capa o personagem Seiya de Pégaso. Na revista, consta a informação que a *Toei Animation* criou o anime por encomenda da empresa *Badai*, a terceira maior empresa de brinquedos da época, e que os bonecos chegaram às lojas brasileiras apenas 12 dias

após a estreia do desenho, vendendo 300.000 unidades em menos de três meses (1994, p. 10 - 11); enquanto a revista, 1 milhão de exemplares por semana, sendo publicadas 33 capas e três pôsteres sobre *Os Cavaleiros do Zodíaco*, disputadas à exaustão (FRANCFORT, 2008, p. 237).

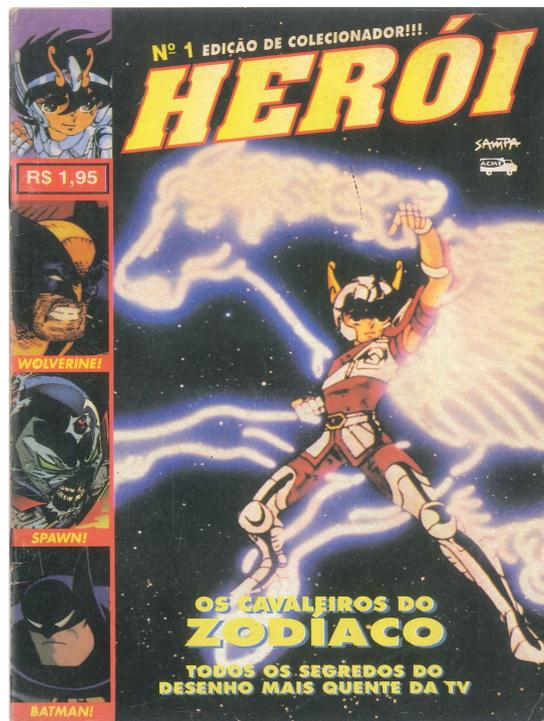


Figura 3 – Capa da 1ª Edição da Revista Herói de dezembro de 1994.

Fonte: Revista Herói (ACM & SAMPÁ)

*Os Cavaleiros do Zodíaco* seriam adaptados também para o mercado em forma de quebra-cabeças, discos, fantasias, álbuns de figurinhas, estampas no verso de cartas de tarô, estojos, camisetas, ovos de Páscoa, enfeites para festa infantil, cartões telefônicos, *mousepads*, jogos, balas, tazos<sup>3</sup>, capas de cadernos, brinquedos com bonecos dos cavaleiros, confeccionados pela empresa *Bandai*, além das cópias piratas dos bonecos (FRANCFORT, 2008, p. 237). Dessa forma, percebe-se o caráter da adaptação como um evidente apelo econômico mencionado por Hutcheon (2013, p. 25). A adaptação não é apenas um ato artístico de intertextualidade que recria a narrativa em outras plataformas, dotando de novos dimensionamentos, mas também um ato mercadológico. A exploração comercial de produtos é baseada na multiplicidade de cópias e do controle desse processo de modo lucrativo (THOMPSON, 2007, p. 28), como ocorreu com o anime em questão. *Os Cavaleiros do Zodíaco* foi exibido na Rede Manchete de 1994 a 1999, sendo reprisado exaustivamente, em dois horários, no meio da manhã e nos finais de tarde, fazendo também com que demais animes ganhassem espaço na televisão brasileira (FRANCFORT, 2008, p. 237). Porém, anos antes do êxito de público e comercial da saga no Brasil, um filme de animação foi lançado nos cinemas japoneses, cotado para encerrar a série e, inclusive, gerou polêmicas em alguns países devido a algumas questões abordadas. Trata-se de *Os Cavaleiros do Zodíaco: Guerreiros do Armagedon*, que será evidenciado a seguir.

<sup>3</sup> Pequenos discos de brinquedos estampados com figuras de desenhos animados, colecionados, em geral, por crianças e adolescentes da década de 1990, que vinham em pacotes de salgadinhos.

## **A Representação de Lúcifer na Animação *Os Cavaleiros do Zodíaco: Guerreiros do Armagedon***

A animação é uma forma relevante de expressão e comunicação contemporânea, com significativa presença nas artes e cultura, cuja prática envolve complexas relações inter e transdisciplinares (NESTEURIK, 2011, p. 12). Desde o início do anime, era possível perceber a inspiração em diversas mitologias, apresentadas com alguns personagens que se aproximaram de como são conhecidos pelas pessoas, enquanto outros apenas tiveram os mesmos nomes e/ou poderes (MAGI, 2010, p. 181).

Em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Guerreiros do Armagedon*, Lúcifer é apresentado em meio a diversas culturas e crenças. De todos os filmes e episódios da saga é o que mais utiliza o Cristianismo no enredo. Para Hutcheon (2013, p. 10), qualquer história pode ser recontada em algum lugar do mundo, por meio de todas as culturas. É evidente que cada cultura conhece as histórias, fatos e narrativas de formas distintas e, conseqüentemente, as contam de diferentes modos. Isso fica explícito no modo como a animação apresenta uma narrativa mesclada de tantas culturas e crenças ao público. Lúcifer é a evidência de algo contado pela humanidade, sob muitas perspectivas. Neste artigo se dá ênfase de acordo com o que o anime apresentou o personagem.

*Os Cavaleiros do Zodíaco: Guerreiros do Armagedon*, inicialmente, recebeu o subtítulo *A Batalha Final*. Mais tarde, em 2002, o anime teve uma nova temporada de episódios – *Hades* (na mitologia grega, o deus que vive no inferno) - e, posteriormente, vieram outras. O filme foi dublado, no Brasil, primeiramente, pela *Gota Mágica* (1995) e depois pela *DuBrasil* (2007). A narrativa é apresentada em 45 minutos. A animação foi roteirizada por Masami Kurumada, dirigida por Masayuki Akehi, produzida por Chiaki Imada, com trilha sonora de Seiji Yokoyama.

Após Poseidon ser derrotado pelos cavaleiros, o cosmo do deus marinho é enviado para o inferno com Abel e Éris, outros dois deuses que também haviam sido derrotados anteriormente. Os cosmos dos três despertam Lúcifer que volta à Terra após estar no inferno desde os tempos remotos. As características do monstro-tirano, recorrente nas mitologias, tradições folclóricas, lendas, são praticamente as mesmas: aquele que deseja algo ardentemente e a todo custo para si, atraindo a ruína para alcançar os objetivos (CAMPBELL, 2007, p. 25). A narrativa se inicia com o céu estrelado. A trilha sonora, em tom de mistério, pontua que algo irá acontecer. Do céu saem quatro feixes de luz que se dirigem ao Santuário, na Grécia, onde aconteceu a batalha com os cavaleiros de ouro, localizando onde a trama terá o desenvolvimento. Os Cavaleiros de Ouro: Mu de Áries, Aldebaran de Touro, Aiolia de Leão, Shaka de Virgem e Milo de Escorpião são facilmente derrotados pelos feixes de luz que representam algo maligno. Na escuridão da noite, diante da Estátua da deusa Athena, símbolo da paz no mundo, Lúcifer chega. Os fiéis anjos da morte, representados por sombras, prostram-se diante da chegada dele em sinal de obediência e adoração. No universo dos animes, o vilão costuma ter cabelos, vestimentas e acessórios fantásticos que indicam mais drama e maldade no íntimo (BRENNER, 2007, p. 48). Lúcifer chega, pois, triunfante, vestido de armadura, envolto a uma capa preta, com enormes asas.

As Armaduras vêm da cultura clássica: heróis e deuses eram presenteados, como, por exemplo, Apolo e Artemis que ganharam de Zeus arcos e flechas confeccionados por Hefesto; Atena, ao nascer já trajava uma armadura (MAGI, 2010, p. 181). O uso da armadura evidencia o elo com outras culturas, crenças e formas de representação características da animação que conceberam o personagem. Foram atribuídos a Lúcifer o princípio de Walt Disney nas animações. Para ele, os personagens tinham de ter espírito – a ilusão da vida – serem dotados de movimentos semelhantes aos humanos, convencendo o espectador que pensam, respiram, agem (BARBOSA JÚNIOR,

2005, p. 99). A figura desse ser, nos campos da arte, literatura e cinema, representa sempre o “outro”, o “estrangeiro”, a “calamidade” e a “escuridão”, sendo que as representações dos poderes, formas e pensamentos variam em determinados sentidos através dos grupos que utilizam a figura deste personagem (DESIDÉRIO & BARBOSA, 2017, p. 185).



Figura 4 – Chega de Lúcifer na Terra em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon*  
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NIhbsqbGSsQ>

No filme, vingança e dominação são os desejos de Lúcifer após ter estado trancado no inferno durante anos. Ele retorna ao som de uma música tocada por órgão, como se fossem vozes melancólicas, como anjos gritando de sofrimento e desespero perante as ambições dele. Pensar uma animação sem o recurso sonoro é deixar de evidenciar uma dimensão criativa que pontua características dos personagens e da dramaticidade das cenas. Ao analisar as metáforas e anagramas dos primeiros capítulos da saga, Venancio (2012, p. 8 - 9) enfatiza que a música contribui na interação psíquica e na imersão da audiência no que está sendo apresentado. Neles, em diversos momentos, percebeu-se que a trilha sonora apontava os sentimentos dos personagens, como a dor de Seiya, a saudade que Hyoga tem da falecida mãe. A dimensão sonora orquestrada no anime também recebeu atenção da equipe que trabalhou em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Guerreiros do Armagedon*, pontuando as ações de Lúcifer e dos cavaleiros.

Na chegada de Lúcifer à Terra, em que o som do órgão assemelha-se a lamentos, estes denotam a dor que está por vir à humanidade. Os lamentos remetem ao tradicional canto *Lamentos do Senhor*, da celebração da Sexta-Feira da Paixão do Senhor, conhecida como Sexta-Feira Santa, contida no Missal Romano (1992, p. 262 – 263). Trata-se de um canto de origem oriental, incorporado à liturgia romana na virada do primeiro milênio, que contém um diálogo literário entre Jesus e o povo: ele se queixa e pergunta o motivo da morte, utilizando passagens marcantes da intervenção de Deus na história do povo da Primeira Aliança, como a libertação do Egito; a travessia do mar, a pé enxuto, a “coluna de fogo” que guiou o povo pelo deserto, ou seja, para cada ato salvífico de outrora, uma repreensão relacionada à pena condenatória de agora (FONSECA & VELOSO, 2018, p. 145). Diante de Lúcifer, as vozes o questionam como alguém que, no passado foi dotado de sabedoria, pode ter o anseio de fazer tanto mal à humanidade.

As vozes dos anjos, no entanto, não são as únicas a lamentarem as obsessões de Lúcifer. Tanto na dublagem da *Gota Mágica* quanto da *DuBrasil*, a voz de Athena ressoa, questionando o porquê de um anjo dotado de belos atributos ter os renegado e agora ser capaz de inúmeras atrocidades. Tal queixa se assemelha à passagem bíblica de Ez 28,12-19, em que os feitos de Deus são recordados sobre o rei de Tiro, cuja maldade o

corrompeu, sendo banido do Reino. Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2003, n. 391), o anjo destronado, também chamado de Satanás ou Diabo, havia sido um anjo bom criado por Deus, mas ele e outros se tornaram maus por iniciativa própria, o que culminou na queda deles, que rejeitaram o projeto do Criador.

Lúcifer não se abala com a voz de Athena e profere com insolência o que está por vir: subirá acima das nuvens, tornando-se Supremo de tudo e de todos. O discurso é referência ao canto fúnebre da passagem bíblica de Is 14,4-23 cantado como uma sátira ao rei da Babilônia, que mais tarde, em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon*, Lúcifer passaria, uma vez mais, pela mesma queda no final da narrativa.

Dos olhos da Estátua de Athena caem lágrimas. Lúcifer, brevemente, fica com os olhos semicerrados. No universo dos animes, tal gesto é atribuído a um pensamento, ação má, sádica e cruel (BRENNER, 2007, p. 42). Com o semblante sombrio e sem piedade, Lúcifer aponta o dedo majestosamente contra o pescoço da Estátua que cai no chão. Ele se retira com os anjos da morte. Nas montanhas do Santuário, um templo a ele é elevado em que estátuas de criaturas com asas e garras firmam uma nova era. As rochas caem, enquanto o templo é erguido ao som de uma música fúnebre, intensa, e agravante. São cenas como a de um filme de horror em que a dor e o sofrimento ecoam pelos acordes musicais e pelas vozes como lamentos que expressam a destruição. Mas eles aparentam ser ambíguos: parecem que soam como se estivessem também exaltando a ascensão de Lúcifer, acentuando a glória e majestade dele, assim como os gritos de apoio que Hitler recebia. O templo é, então, construído, a fim de marcar o trono, a morada de Satanás, agora, entre os homens.

Uma onda de destruição em massa, visando exterminar os humanos é realizada. A terra, o céu e o mar são afetados. Nas narrativas, onde quer que o vilão ponha a mão, há um grito não vindo de algo exterior, porém, de um lugar ainda mais impactante – do íntimo de cada ser (CAMPBELL, 2007, p. 25). Os seres são afetados, profundamente, pelo poder e a maldade de Lúcifer. Tal fato pode ser explicado porque Satanás e os outros demônios os associam à revolta contra Deus (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2003, n. 414). Fazer com que a humanidade sofra e destruí-la é parte fundamental do plano dele, que será evidenciado ao longo de todo o filme.

No dia seguinte, Saori Kido (Athena), chora ao ver a cabeça da estátua caída no chão. Seiya, Hyoga e Shun chegam depois e ficam surpresos com o ocorrido, além das mortes dos cavaleiros de ouro e da destruição pelo planeta que os afligem. Lúcifer se apresenta a Athena e aos demais cavaleiros com os anjos da morte: Belzebu de Serafim, Ashtarote de Querubim, Érigor de Virtude e Moa de Trono. Rapidamente eles se assustam. Afinal, o Mal costuma ser identificado à primeira vista (NAZÁRIO, 1998, p. 10). Seiya questiona a Hyoga, que é cristão, se Lúcifer é o mesmo mencionado na Bíblia do amigo. Pois, esse nome está quase sempre associado a algo negativo ou perverso (TIPPLE, 2018, p. 54). Hyoga confirma, comentando que o anjo caído é o Rei das Trevas. Tal queda foi resultado da inexplicável e pervertida vontade em usurpar a grandeza que unicamente pertencia a Deus (TEIXEIRA, 2017, p. 34). A animação, então, apresenta a Bíblia sendo queimada, trecho suprimido, primeiramente, na versão da *Gota Mágica*, e em outros países naquele período em que foi lançada. Posteriormente, a cena foi mantida. A *DuBrasil*, anos mais tarde, manteve a cena.

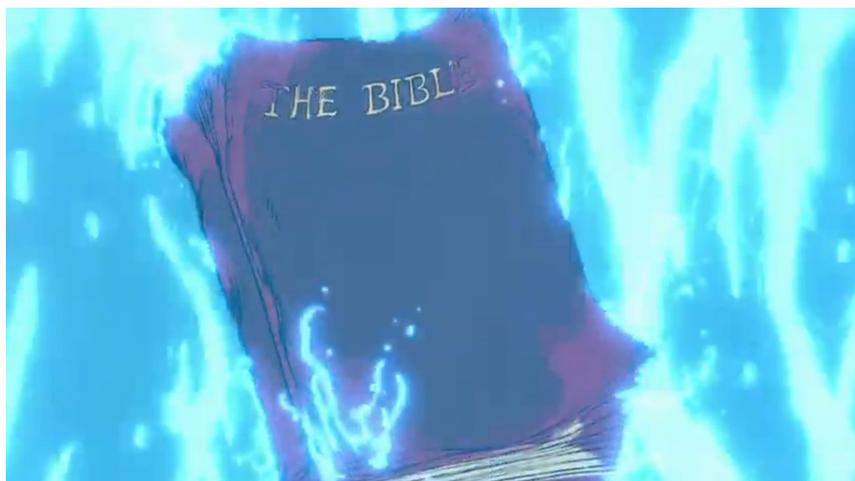


Figura 5 – Bíblia sendo queimada em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Guerreiros do Armagedon* Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NIhbsqbGSsQ>

No Japão, as narrativas – mangás, animes e outras – utilizam imagens religiosas sem serem exemplos particulares de adoração, existindo liberdade de representar tradições religiosas de maneira superficial e estética, pois existe grande variedade de crenças no país (BRENNER, 2007, p. 103). Uma cruz não será o símbolo da crucificação de Cristo, mas de execução ou de outro símbolo que vier a ser dado na narrativa. Da mesma forma, o filme coloca Lúcifer como um Filho de Deus e não apenas um anjo caído.

A música, como um choro dos anjos, acompanha Hyoga narrando aos demais amigos o ato de desobediência de Lúcifer a Deus, que o enviou ao inferno, fazendo referência à passagem bíblica Ap 12,7-9. Hyoga explica que Lúcifer formou um exército de anjos rebeldes que o acompanharam, sendo detido no local ao longo dos séculos pelo Arcanjo Miguel (Athena na mitologia grega e Marishiten, deus hindu). Diante dos cavaleiros, Lúcifer, de tamanho maior que eles e Athena, evidenciando superioridade, explica que será aquele que governará o universo. Ele ordena que Saori sacrifique o sangue de Athena em obediência e fidelidade a ele, pois, do contrário, deixará que Abel, Poseidon e Éris destruam a Terra. Indignados, os cavaleiros tentam atacá-lo, mas, facilmente, os anjos da morte quase os matam. O ódio é evidente nas falas do personagem. O tom da voz é carregado de um ódio profundo. O desejo de vingança e a sede pelo poder são expressivos no semblante e gestos do personagem.



Figura 6 – Lúcifer diante dos cavaleiros de bronze com Poseidon, Éris e Abel ao fundo, evidenciado o apoio dos deuses a ele.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NIhbsqbGSsQ>

Ele ordena que, no dia seguinte, Saori vá ao Pandemônio, local em que esperará para ela sacrificar o sangue de Athena. Na cena, Saori está no chão abraçada a Seiya, que está ferido. Ela olha para Lúcifer com medo e o vê conforme a figura abaixo. Ao longo do filme, Lúcifer é apresentado, em muitas ocasiões, com o mesmo ângulo. Apesar de ser uma animação, possui os princípios que norteiam a câmera no cinema. Esse plano é denominado de *contra-plongée*, em que o personagem ou o objeto é apresentado de baixo para cima, dando, geralmente, a impressão de superioridade, exaltação e triunfo, pois faz crescer o que está em destaque e tende a torná-los magníficos (MARTIN, 2011, p. 43). Dessa forma, o poder, a autoridade e a arrogância de Lúcifer também são evidenciados pelos enquadramentos.



Figura 7 – Montagem de imagens com cenas de ângulo *contra-plongée* em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Guerreiros do Armagedon*

Fonte: Elaborado pelo autor do artigo com base no filme *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon*

Além dessa superioridade evidenciada pelo ângulo de representação, demais semelhanças da narrativa são observadas com outras histórias. As narrativas animadas assemelham-se àquelas dos contos maravilhosos, que apresentam percursos e provações (FOSSATTI, 2011, p. 62). Os cavaleiros, uma vez mais, precisam enfrentar um poderoso inimigo que ameaça a paz na Terra. Shiryu está com Seiya, Hyoga e Shun no hospital. Juntos, decidem lutar e proteger Athena e o mundo indo até Lúcifer. Esse percurso é marcado por provações, pelo fortalecimento da amizade, do espírito de batalha, dos ideais e valores. Para Vogler (1998, p. 26), todas as histórias consistem em alguns elementos estruturais comuns, encontrados universalmente em mitos, contos de fadas, sonhos e filmes. Uma narrativa faz referência direta ou indiretamente a outra. *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon* evidencia a presença de heróis e vilões, conflitos e aventuras, uma jornada para solucionar os problemas e a resolução, apropriando-se do Cristianismo e do imaginário popular ao conceber o personagem Lúcifer.

Quando Athena inicia o percurso pelas escadarias do Santuário até o Pandemônio, Lúcifer diz a ela, do alto, que sofrerá como Jesus Cristo em Jerusalém. Se o Filho de Deus derramou o sangue pela humanidade, a fim de que ela tivesse vida e vida em abundância (Jo 10,10), a jovem também, agora, o fará, ou, ao menos, crer que fará, pois, mais adiante, descobrirá que os planos de Lúcifer são ainda mais perversos. Na teoria de Hutcheon (2013, p. 45), isso se trata de mais um exemplo de

intertextualidade. A outra obra, nesse caso a Bíblia, é um recurso para a construção da narrativa (MCFARLANE, 1996, p.10). Há um diálogo com algo que aconteceu ou foi apresentado em outro momento, como a literatura, agora, recriado, recontado, reinventado em um novo meio, podendo ser similar ou conter algumas identificações daquilo que foi baseado.

Athena peregrina as escadarias, enquanto Lúcifer observa o sofrimento dela e dos cavaleiros que são atacados pelos anjos da morte. Ele olha tudo de longe, sentado, no trono, imponente, triunfante e zombando da dor dos inimigos. Ela parece estar no deserto assim como Moisés e o povo de Israel, narrado no livro bíblico Êxodo (Ex), tal como Jesus Cristo que foi tentado por Satanás (Mt 4). Saori depois de peregrinar chega diante um caminho espinhoso que lhe tirará o sangue de Athena. É o sacrifício antes de Lúcifer, mais adiante, tê-la por completo.



Figura 8 - Montagem de imagens: Intertextualidade - Ao lado esquerdo, Jesus Cristo com uma coroa de espinhos na cabeça; ao lado direito, Saori Kido sacrificando o sangue de Athena por entre os espinhos. Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=dPu-TN4JZY4> e <https://www.youtube.com/watch?v=NIhbsqbGSsQ>

Durante o percurso de Athena, Shiryu enfrenta o sábio, Ashtarote de Querubim, e o poderoso, Belzebu de Serafim. Ele derrota o primeiro, mas não resiste ao segundo. Shun enfrenta o ágil Érigor de Virtude, que consegue quebrar as correntes do cavaleiro. Shun é socorrido pelo irmão, Ikki de Fênix, que derrota o inimigo. Hyoga vence as ilusões que Moa de Trono havia lhe preparado com a imagem da mãe, após lhe apresentar o som de sinos anunciando a oração do Ângelus, que para o cavaleiro é uma marcha fúnebre. Sem forças, cai ao chão. Esperteza, poder, agilidade, ilusão – atributos, muitas vezes associável aos vilões da narrativa. Todos, porém, derrotados pelos leais cavaleiros.

Seiya tenta impedir Saori de sacrificar Athena, porém Belzebu não permite. Lúcifer, pai da mentira (Jo 8,44), revela a ela que o sangue de Athena será utilizado para reviver os corpos de Abel, Poseidon e Éris, além de fortalecer o cosmo deles e de Lúcifer, o que fará com que ninguém consiga detê-lo de controlar o universo. Athena compreende a gravidade da situação. Ikki também chega ao Pandemônio e é atacado. Athena percebe o quanto os cavaleiros lhe são fiéis, e, diante do sofrimento deles, reacende os cosmos dos cavaleiros. Shiryu, Shun e Hyoga chegam ao Pandemônio. Athena enfrenta Lúcifer, mas não consegue impedi-lo.

Ao final da narrativa, Seiya veste a armadura de sagitário como se fosse um anjo, e derrota Belzebu. Lúcifer tem Athena com ele. Seiya está com medo, sentimento que durante todo o dia havia estado nos cavaleiros, apesar de terem permanecidos fieis e valentes. Afinal, a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e o medo mais forte é o medo do desconhecido (LOVECRAFT, 1987, p. 1). Lúcifer e os guerreiros da morte eram desconhecidos para eles. Agora o fato de não saber se conseguirá salvar

Athena aflige Seiya. As chances de matar Lúcifer com ela são grandes. Ela, porém, pede para que ele atire a flecha. Seiya, em prece a Deus, pede uma chance, uma esperança. O cosmo dos cavaleiros de bronze e dos 12 cavaleiros de ouro mortos se unem com a imagem dos 12 signos do zodíaco. 12! O mesmo número dos apóstolos de Cristo.

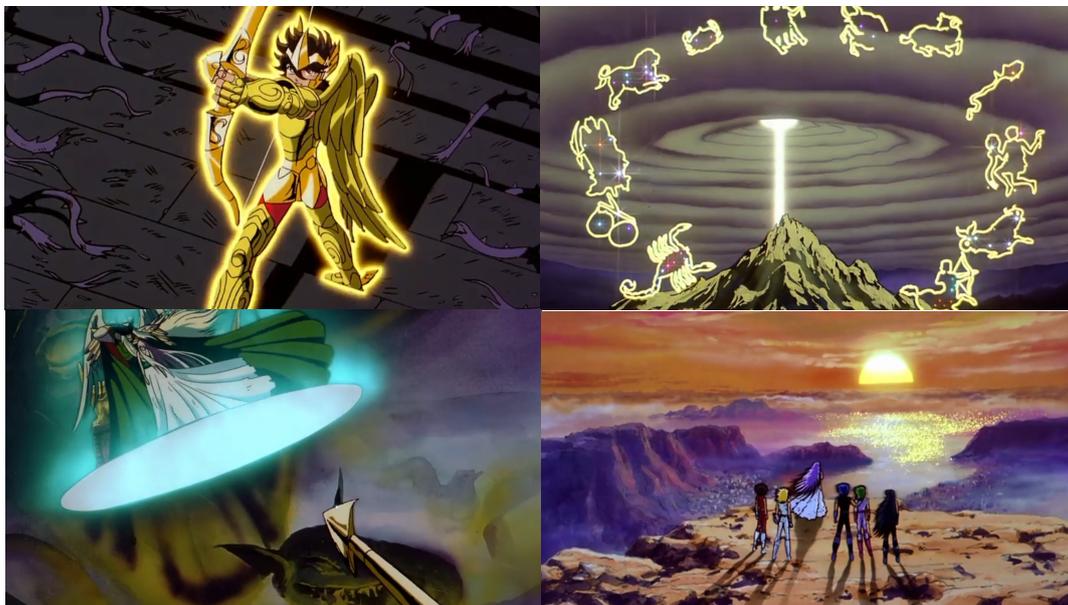


Figura 9 – Montagem de imagens: Desfecho da Narrativa de *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon* Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NIhbsqbGSsQ>

Seiya atira a flecha contra Lúcifer, que volta ao inferno com os cosmos de Abel, Poseidon e Éris. O bem triunfa sobre o mal. O anjo, mais uma vez, cai e é banido da humanidade. Sem o vilão, toda a maldade, pouco a pouco, esvazia-se. Athena é socorrida por Seiya. Ikki chama a atenção dos amigos que o lugar está desabando. Eles fogem do Pandemônio. Por fim, Athena e os cavaleiros contemplam o sol e o mundo que salvaram. O final feliz das narrativas deve ser visto como uma transformação (CAMPBELL, 2007, p. 38). Apesar de todas as cicatrizes das batalhas, sejam aquelas realizadas pelos punhos ou internas em cada ser, a transformação os faz mais fortes. Um poderoso inimigo como Lúcifer deixará marcas na vida daqueles seres, sejam elas negativas ou renovadoras, mas, acima de tudo, capazes de torna-los mais fortes e preparados para as próximas batalhas, as próximas sagas, as próximas, daquilo que se denomina, adaptações.

### Considerações Finais

As adaptações são frequentes nas artes. Elas estão nas variadas culturas, meios de comunicação e interações humanas. A saga *Os Cavaleiros do Zodíaco* demonstra a amplitude que o fenômeno da adaptação pode alcançar tanto na forma criativa quanto comercial. Ao teorizar acerca da adaptação, outro processo artístico, denominado de intertextualidade, é abordado, afinal, esse processo é um diálogo entre as artes que potencializa as narrativas dramaticamente, como ocorreu com a saga desde o início.

Neste artigo, a figura de Lúcifer em *Os Cavaleiros do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon* foi abordada tanto sob a teoria da adaptação quanto da intertextualidade. Adaptação: porque a equipe técnica da saga desenvolveu mais um filme, em 1989, desta vez com um personagem bastante conhecido na cultura, religiosidade e imaginário popular que encerraria a série. Portanto, não poderia ser qualquer vilão.

Intertextualidade: porque foi o fenômeno que se recorreu para conceber o personagem, primeiramente do Cristianismo, depois de outras culturas, códigos e estruturas narrativas. Por fim, Lúcifer, na referida animação, não é apenas um desenho, mas a figura de um ser que tem acompanhado o imaginário, a cultura, a tradição da sociedade; um catalisador do qual desembocou as ações da narrativa e para o qual elas convergiram. Sem ele, tudo volta à paz. O caos desaparece, ou, ao menos, o caos em evidência, pois, para a humanidade, mesmo que não esteja na superfície, lá nos escombros da escuridão, orchestra o caos silencioso contra ela.

## Bibliografia

- BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **Arte da animação: técnica e estética através da história**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005. 456 p.
- BÍBLIA: Tradução Oficial da CNBB – Especial Iniciação à Vida Cristã. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2019.
- BRENNER, Robbin E. **Understanding Manga and Anime**. Londres: Libraries Unlimited, 2007. 333 p.
- BRUSSIO, Josenildo Campos. Semiótica e imaginário: imagens do andrógino na série os Cavaleiros do Zodíaco. In: CONFORTE, André; CORREIA, Claudio (Orgs.). **Semiótica, pesquisa e ensino**. (Comunicações). Volume 2. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019. p. 300 – 326.
- BUENO, Murilo Gabriel Berardo; DE PAULA RIBEIRO, Raquel. A performance e seus desdobramentos: a extensão da experiência narrativa em Cavaleiros do Zodíaco. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro, p. 1 – 15
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007. 414 p.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. revista. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola; Paulinas; Ave-Maria; Paulus, 2003. 938 p.
- DESIDÉRIO, Plábio Marcos Martins; BARBOSA, Augusto Cesar Ferreira. Representações do diabo em algumas produções cinematográficas. In: OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de; SILVA, Luiza Helena Oliveira da, RODRIGUES, Wallace (Org.). **Artes**. João Pessoa: Ideia, 2017. p. 179 – 193.
- FRANCFORT, Elmo. **Rede Manchete - aconteceu, virou história**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. 424 p. (Coleção aplauso série especial / coordenador geral Rubens Ewald Filho)
- FONSECA, Joaquim. VELOSO, Reginaldo. **O que cantar no ciclo pascal: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal?** São Paulo: Paulus, 2018. 216 p. Coleção Liturgia e Música.
- FOSSATTI, Carolina Lanner. **Cinema de animação: um diálogo ético no mundo encantado das histórias infantis**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 270 p.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da Adaptação**. Tradução André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. 280 p.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Tradução João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. 160 p.
- MAGI, Ademar. O mito em Os Cavaleiros do Zodíaco. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v. 6, n. 7, p. 177-188, 2010.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução Paulo Neves. Eduarda Colares. São Paulo: Brasiliense, 2011. 303 p.

- MCFARLANE, Brian. **Novel to Film: an introduction to the theory of adaptation**. Oxford: Clarendon Press, 1996. 279 p.
- MISSAL ROMANO. 2. ed. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992.
- NAZÁRIO, Luiz. **Da natureza dos monstros**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. 302 p.
- NEUSTERIUK, Sergio. **Dramaturgia de Série de animação**. São Paulo: ANIMATV, 2011. 281 p.
- PEREIRA, Iliada Damasceno. Cultura pop Japonesa no Brasil. **Temática**, Paraíba, ano XIII, n. 08, p. 46 – 59. Agosto/2017.
- \_\_\_\_\_. **Hibridismos e mesclas culturais na construção de identidades e subjetividades em campeonatos de cosplay**. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Goiânia, 2013.
- REVISTA HERÓI**. São Paulo: ACM & SAMPA, nº 1 – Edição de colecionador, dez. 1994.
- STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Tradução Fernando Mascarello. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010. 398 p.
- TEIXEIRA, Marta Alexandra de Moura. **O Mito da Queda em A Queda dum Anjo de Camilo Castelo Branco**. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes) – Universidade do Porto – Faculdade de Letras, Porto – Portugal, 2017.
- THOMPSON, John. **A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução Wagner de Oliveira Brandão. 8. ed. Petropolis: Vozes, 2007. 261p
- TIPPLE, Rebeca Ferreira. **A Batalha do Apocalipse: A Apropriação de mitos bíblicos para a criação de uma narrativa de ficção**. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguísticas) – Universidade Federal de Goiás – Goiânia – 2018.
- TRAVANCAS, Paula Rozenberg. Mudanças nos eventos de animê brasileiros: da cultura pop japonesa à cultura pop mundial. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016. São Paulo. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom. p. 1 – 15.
- VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. Anime e a poética da luta: metáforas e anagramas em Cavaleiros do Zodíaco. **Cultura Midiática**, Paraíba, ano 5, v. 9, p. 1-22, jul./dez. 2012.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 300 p.

## REFERÊNCIAS FÍLMICAS

- 聖闘士星矢 最終聖戦の戦士たち. Direção: Masayuki Akehi. Produção: Chiaki Imada. Roteiro: Masami Kurumada. Trilha Sonora: Seiji Yokoyama. Japão, Toei Animation, 1989. (45 min).  
Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=NIhbsqbGSsQ>>.
- OS CAVALEIROS do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon. Direção: Masayuki Akehi. Produção: Chiaki Imada. Roteiro: Masami Kurumada. Trilha Sonora: Seiji Yokoyama. Japão, Toei Animation, 1989. **Versão: Gota Mágica** (1995) (45 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ezLWad0a\\_gw](https://www.youtube.com/watch?v=ezLWad0a_gw)>.
- OS CAVALEIROS do Zodíaco: Os Guerreiros do Armagedon. Direção: Masayuki Akehi. Produção: Chiaki Imada. Roteiro: Masami Kurumada. Trilha Sonora: Seiji Yokoyama. Japão, Toei Animation, 1989. **Versão: DuBrasil** (2007) (45 min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GCQyJ6IJ9R8>>.

**REFERÊNCIAS DA INTERNET**

VILARINHO, Eduardo; NETO, Walter Tormin. **CavZodiaco**. Disponível em: <<https://www.cavzodiaco.com.br/>>. Acesso em 10 de out. 2019

Aceito m 24/11/2019